

Carmen Miranda em Cartão Postal¹

Mariana Alves da Silva ROSA²
José Carlos FERNANDES³
Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

O livro *Lendo Imagens*, de Alberto Manguel, provoca o “cidadão comum” a interpretar obras de arte e imagens em geral. Sugere que as narrativas pessoais, memórias, o acervo de conhecimento que cada um cultivou pode ser acionado para iniciar um discurso sobre uma pintura ou uma fotografia. É válido. A obra – em conformidade com Umberto Eco – é aberta às interpretações, ainda que nem todas sejam autorizadas. A leitura de imagens é uma das competências esperadas dos jornalistas. Mais do que produzir a foto, por exemplo, eles precisam lê-las, para escolher as que mais interagem e se aproximam do assunto que estão falando. Num desafio – ler a imagem de Carmen Miranda, uma das brasileiras mais icônicas de todos os tempos – um grupo de aluno traduziu suas impressões em colagem e as converteu em cartão postal – enviado para amigos, provocando novas leituras.

PALAVRAS-CHAVE: leitura de imagens; produção gráfica; interações; Carmen Miranda.

1 INTRODUÇÃO

O pesquisador Ciro Marcondes Filho manifestou que entre as grandes perdas do jornalismo da era virtual está a ausência de debates e de leitura coletivas (MARCONDES FILHO, 1993). Cita, como exemplo, um ritual típico das redações anteriores aos sistemas intranet: um editor, um fotógrafo, o repórter – e quem mais se interessasse – fazendo a leitura de várias fotos colocadas sobre uma mesa, na hora do fechamento. Faziam-se máscaras de papel, para encontrar o melhor recorte, a verdade da imagem. Das mais diversas observações, surgia o consenso – o que seria bastante salutar para o fotojornalismo e para o jornalismo em geral.

Ciro sugere que havia um aprendizado de leitura de imagens que nascia da interação com o outro. E que os atuais expedientes mergulham o jornalista numa leitura silenciosa e solitária tanto dos textos quanto das imagens. Pode haver, sim, algo de saudosista nesse ponto de vista. Mas não se pode negar que se tem, nos atuais expedientes do jornalismo, não só uma multiplicação das imagens (em vez de três “chapas” de cada pauta, 30 imagens)

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Produção Transdisciplinar, modalidade Design Gráfico (PT02).

² Aluna líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso Comunicação Social-Jornalismo, email: marianaasrosa@hotmail.com

³ Orientador. Professor do Curso Comunicação Social-Jornalismo, email: josecarlosfernandes@terra.com.br.

como a interrupção dos processos coletivos de discernimento ou sua substituição por métodos mais frios. Jornais como o *The Guardian*, é sabido, resistem a esse encapsulamento dos repórteres e editores nas suas ilhas, provocando novas fórmulas de reunião – de modo a não perder uma etapa essencial à comunicação: a verbalização das impressões, experiências e conceitos, de modo a testá-lo na presença de outro, buscando um meio termo entre a coloquialidade, a clareza e a precisão.

Paralelo a esse impasse na cultura das redações, persiste outro – o acento da formação do jornalista permanece sendo no texto e na apuração. Perpetua-se nos corredores da profissão a ideia da imagem como elemento secundário, quando não como “ilustração” da matéria, à revelia da insistência de que esse raciocínio em nada colabora para a coerência do discurso – que nunca se dá por um único canal.

A produção para internet – e sua imposição de novas formas de contar histórias, agora com a ajuda dos recursos digitais – acaba por impor, às academias de jornalismo, que retomem o trato e a leitura de imagens. É discussão que causa tensões. Há quem pergunte sobre o futuro do fotojornalismo (COSTA. SILVA, 2004), cada vez mais atropelado pelos cânones publicitários. Em meio a esse debate, contudo, permanece o imperativo de que ler imagens é uma competência, que se alcança pelo conhecimento específico, mas também pela experiência contínua (KOSSOY, 2001).

É uma longa jornada – que passa pela observação da cidade, dos tipos humanos, pela ida a museus e aos cinemas, entre outros expedientes. Se os cursos de Jornalismo não podem dar conta dessa tarefa que não cabe no tempo de uma graduação, pode, pelo menos, suscitar o desejo de que isso aconteça e apontar caminhos. O curso de Jornalismo é, portanto, um lugar para se lançar na leitura de imagens.

O projeto “Carmen Miranda em Cartão Postal”, desenvolvido na disciplina Planejamento e Produção Gráfica em Jornalismo, na Universidade Federal do Paraná, nasceu com esse intuito: despertar desejo pela imagem. Em vez de se limitar a lamentar a “redação perdida”, planejar novos percursos para fazer vingar essa capacidade, inerente à profissão. Pela arte, apura-se a sensibilidade para ler a cidade, os espaços em geral, tirando desse exercício informações que colaboram para o entendimento de uma pauta e para a composição de uma página.

A escolha do ícone Carmen Miranda se deu por se prestar às leituras polifônicas e polissêmicas (SANTAELLA, 2012). Caetano Veloso a percebeu como dadaísta. Seus detratores, como uma marionete do imperialismo americano. Ruy Castro, seu biógrafo,

entre outras revelações, como uma cantora fadada para o cinema desde a meninice. Há quem diga que ela carrega na cabeça a República das Bananas – retrato que o Brasil ora recusa ora abraça (CASTRO, 2005). Quinze estudantes de Jornalismo, em 17 imagens, fizeram sua leitura e a traduziram não em palavras, mas em mais jujus e balangandãs, aqui no seu sentido metafórico.

2 OBJETIVO

- Exercitar a leitura de imagens por meio de um tema comum.
- Trabalhar a técnica da colagem, tendo-a como metáfora da composição jornalística, que recorta e aproxima elementos dispersos no tempo e no espaço.
- Traduzir um conceito por meio de imagens.
- Fazer interações com o público lançando mão de um código que toda o imaginário – o cartão-postal.

3 JUSTIFICATIVA

O convite a ler imagens – no senso comum – é descrito como apavorante. Em tese, a leitura de imagens é uma prerrogativa dos historiadores de arte, pesquisadores, artistas e fotógrafos. A atmosfera erudita do circuito de artes visuais costuma ser intimidador – o vocabulário tende a ser hermético e as categorias tomadas de conceitos filosóficos, acessíveis a poucos. Em resposta, é comum que mesmo tendo o que dizer, vigore a recusa em fazê-lo.

Em *Lendo imagens*, o pesquisador argentino Alberto Manguel, referencia em história da leitura, lança-se na tarefa de romper com essas condicionantes, encorajando o observador – seja ele quem for – a se licenciar para a leitura de imagens, assim como faz com uma obra literária ou com um programa de televisão (MANGUEL, 2001).

Ele mesmo se coloca nessa posição de aprendiz, revelando sua percepção muito particular das imagens pelas quais guarda afeto. A maioria delas não é das mais conhecidas. Trata da pintora renascentista Lavínia Fontana, uma rara mulher no circuito de pintores do século XVI. Ou das fotografias de Tina Modotti. Nos dois casos, parte de uma pintura e de uma fotografia para cavoucar várias camadas da vida, da história, do conhecimento em geral. Essas camadas vão se revelando, fazendo o que faz a leitura: dar existência à obra (JOLY, 1996). Vale para um poema. Vale para uma gravura do século 17.

Manguel, em certo sentido, segue um método jornalístico. Procura uma palavra-força para cada uma das imagens que escolheu. Para o “Retrato de Dora Maar”, de Picasso, por exemplo, credita a palavra “violência”. E é da violência que conhece, que experimenta, que pensa – e da violência que vê em Picasso – que ele fala. Resulta um ensaio, honesto, com direito a existir. Difícil não terminar a leitura sem se sentir convidado a também “arriscar” uma tese.

O método de Manguel se presta aos estudos de jornalismo. É preciso pactuar a liberdade para dizer, de forma espontânea, o que se vê, seus significados, colocando essas impressões à prova, confrontando-as com conhecimentos objetivos (MANGUEL, 2001). A figura de Carmen Miranda parecia perfeita para viver um momento de leituras em profusão, contraditórias, oscilantes entre a paixão e a recusa. Trata-se – ao lado de Pelé – da brasileira mais conhecida do século XX. E também da que carregou mais recusas, por sua figura exótica. A mulher com uma cesta de frutas na cabeça, agindo como uma chaleira fervendo, é surreal – nos dizeres de Caetano Veloso e de John Updike (UPDIKE, 1993). Sua associação com o Brasil e com os brasileiros costuma ser desagradável. Ao mesmo tempo, impera o fascínio que ela ainda provoca nos americanos. De que Carmen estão falando?

Lidar com essa figura é lidar com a força das contradições e com referências culturais. Carmen seria a moradora de uma republiqueta, com nome hispânico e não raro brasileira e argentina ao mesmo tempo. Mas é também a imagem que os viajantes faziam das mulheres dos trópicos – todas carregando alimentos (SOLBERG, 1995). Responde a um sem número de imaginários – o da inocência entre eles, posto que carrega uma sensualidade ingênua, própria do Mundo Novo, espaço alheio ao peso da cultura e das guerras do Velho Mundo.

Estudar Carmen, e partir de Carmen, portanto, é encontrar uma imagem – construída por ela mesma, pelo cinema, pelos brasileiros – que conduz a termos como brasilidade, indústria cultural, uso político da cultura e, como não, nossos próprios julgamentos sobre a mulher chamada de *Brazilian Bombshell*. Difícil sair dessa empreitada do mesmo jeito que se entrou.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O exercício e a oficina que resultou no projeto “Carmen Miranda em Cartão Postal” seguiu os seguintes procedimentos.

- a) Estudos do dadaísmo e da obra e discurso de Marcel Duchamp, de modo a trabalhar com os conceitos como *objet trouvé* e *ready-made*. Duchamp foi o ponto de partida para entender as premissas que regem a arte contemporânea – a exemplo de que “é arte o que o artista diz que é arte”; os deslocamentos de sentidos e ressignificações, entre outros, de modo a cimentar a proposta de “liberar-se” para a leitura e, no caso, também a feitura da obra de arte (LUPTON. PHILLIPS, 2008).
- b) Percepção da colagem como uma poética do século 20, suas extensões (Carmen Miranda como uma colagem dadaísta, por exemplo) e o próprio jornalismo como uma forma de colagem, que estabelece conexões, significados e deslocamentos – tanto de sentidos quanto de realidades que, próximas, ganham novas leituras.
- c) Imersão na obra de Carmen Miranda, com base em ensaio de John Updike, no documentário *Bananas is my business*, de Helena Solberg, e da biografia *Carmen*, de Ruy Castro.
- d) Leitura coletiva das impressões sobre a personagem, antes do trabalho individual. Paralelo, conversações sobre o significado do cartão postal (imagem de uma viagem, revestida da afetividade da carta). Envio dos cartões postais com a figura de Carmen manipulada e partilha das respostas – de maneira informal, nos espaços da sala de aula (SANTAELLA, 2012).
- e) Apresentação dos postais em sala de aula, provocando a curadoria, com comentários e escolhas das imagens que alcançaram graus maiores de provocação, humor, ironia, entre outros.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Dos 30 alunos da disciplina Planejamento e Produção Gráfica em Jornalismo foram selecionados trabalhos de 15 – sendo que dois deles com duas imagens. Seguindo a orientação do Expocom, 12 foram postados. São todos cartões postais, feitos com colagens digitais. Seguiu-se a estética da bricolagem e da colagem, com sobreposição de imagens, sem preocupação com a perspectiva. Observou-se as qualidades de composição (peso, por exemplo), mas com valorização, sobretudo, das ideias mais arrojadas, capazes de provocar um olhar mais interativo do público.

6 CONSIDERAÇÕES

A reação à leitura de imagens – entre estudantes de jornalismo – merece um estudo. Há uma fixação – ainda que natural – nas imagens documentais, à moda Sebastião Salgado, entendidas como sendo as mais próximas do ofício, da verdade, da informação objetiva. Trata-se de uma discussão à parte (MAMMÌ, SCWARCZ, 2008). Mas influencia na disposição em se lançar na aventura de decifrar e ensaiar sobre as imagens, sejam imagens produzidas esteticamente ou imagens urbanas, expressas nos grandes outdoors das cidades (FATORELLI, 2003).

A oficina lidou com essa resistência e também com outra – a da figura de Carmen Miranda. É um nome reconhecido, mas sua história se tornou difusa e distante demais para os jovens do século 21. O Brasil e a problemática que ela representa – a contar pelas manifestações – ficou presa em algum momento da primeira metade do século XX. A experiência do “precisamos falar sobre Carmen” foi feita debaixo de suspeitas, mas acabou por mostrar que ela se atualiza pela leitura de sua imagem.

Foi possível criar em torno de uma figura presa ao passado, mas que foi se aproximando mais e mais, à medida que se falou sobre ela. Ao fim, ela emerge como algo mais do que brasileira de roupas estranhas e morte trágica e se atualiza nos impasses de hoje em dia – mais surreais ou dadaístas, a escolher, do que nunca. Vale um cartão postal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Ruy. **Carmen**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

COSTA, Helouise. SILVA, Renato Rodrigues da. **A fotografia moderna no Brasil**. São Paulo: Cosacnaify, 2004.

FATORELLI, Antonio. **Fotografia e imagem**: entre a natureza e o artifício. Rio de Janeiro: Faperj/Relume Dumará, 2003.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Trad. Maria Appenzeller. Campinas: Papirus, 1996.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 3.^a Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LUPTON, Ellen. PHILLIPS, Jennifer Cole. **Novos fundamentos do design**. Trad. Christian Borges. São Paulo, Ed. Cosacnaify, 2008.

MAMMÌ, Lorenzo. SCWARCZ, Lilia Moritz. **Fotografia**. São Paulo, Cia. das Letras, 2008.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**. Trad. Rubens Figueiredo, Rosaura Echemberg e Cláudia Strauch. São Paulo: Cia. Das Letras, 2001.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Jornalismo fin-de-siècle**. São Paulo: Scritta, 1993.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SOLBERG, Helena. **Bananas is my business** (Brasil, 1995). Documentário.

UPDIKE, John. Voo de fantasia. IN. HARAZIM, Dorrit, **Veja 25 anos**. São Paulo: Ed. Abril, 1993.